

CAPÍTULO 2

A CULTURA DAS MÍDIAS DIGITAIS NA HIPERMODERNIDADE

É improvável que enfrentemos uma rebelião de robôs nas próximas décadas, mas poderíamos ter que lidar com hordas de bots que sabem, melhor do que nossas mães, como manipular nossas emoções e usar essa misteriosa habilidade para tentar nos vender alguma coisa – seja um carro, um político ou toda uma ideologia. (HARARI, 2018, p. 100)

2.1 A CULTURA HIPERMODERNA E SUA RELAÇÃO COM O TEMPO

Desde o início da idade contemporânea (a partir de 1789), há notícias de uma percepção de aceleração do tempo e da história que advém do aumento do ritmo da vida e das experiências humanas. Essa aceleração persiste até os dias atuais e tem se intensificado ainda mais a partir dos anos 1970, com a Revolução Digital.

Dentro dessa aceleração, temos o que Rosa (2019) propôs como o conceito de aceleração social, em que a aceleração é inerente à experiência de modernização e é o traço marcante da modernidade, trazendo significativas transformações nas estruturas temporais. Os processos de aceleração e seus respectivos efeitos temporais modificaram a história, a cultura, a sociedade, a velocidade da vida e as relações das pessoas com o tempo e com as outras pessoas.

Os fenômenos de aceleração romperam os modos anteriores da passagem do tempo para instalarem um movimento de aceleração contínua em todos os âmbitos da vida. Dessa forma, vê-se surgir uma nova temporalidade.

Ao se referir à Segunda Modernidade, Charles Lipovetsky (2019) a define como hipermodernidade, por se tratar da era do *hiper*, marcada pelo signo do excesso e pela lógica do “sempre mais” em todos os setores da vida. A hipermodernidade é caracterizada pelo enfraquecimento das instituições coletivas, pelo desaparecimento das tradições e pela globalização. Desregulações econômicas, consumo desregrado, avanços tecnocientíficos buscam a rápida hipermodernização do mundo. Para o autor, a hipermodernidade possui três paradigmas: o mercado, a eficácia técnica e o indivíduo.

O capitalismo ganha mais expressividade nessa nova era, impulsionando a mercantilização com a maximização das atividades comerciais e a individualização humana. A *performance* e a inovação técnica passaram a integrar a linguagem da hipermodernidade.

A sociedade contemporânea vivencia uma aceleração das operações econômicas e da circulação de capital que ocorrem em tempo real, de forma presencial ou virtual, em nível global. Esses hipermercados exigem, cada vez mais, uma vigilância da sociedade, pois o excesso e a infiltração em vários segmentos podem gerar ações criminosas.

O hipercapitalismo reforçou o individualismo, tornando o homem “legislador de si mesmo” (CHARLES; LIPOVETSKY, 2019, p. 58), seja quando é prudente, seja quando é desequilibrado, ficando assujeitado à lógica dos extremos.

A hipermodernidade exige do indivíduo a obrigação do movimento, ditada pela exigência de eficácia e pela necessidade de sobrevivência, impossibilitando outras vias de crescimento e eliminando os ideais. “A mitologia da ruptura radical foi substituída pela cultura do mais depressa e do sempre mais: mais rentabilidade, mais performance, mais flexibilidade, mais inovação”. (CHARLES; LIPOVETSKY, 2019, p. 60) [/cit]

A *performance* esperada em vários âmbitos da vida do indivíduo pressupõe cumprimento de tarefas de curto prazo, produção máxima no menor tempo possível e agir depressa.

O excesso de demandas que se apresenta em todos os lugares engendra o espírito competitivo e o de hiperprodutividade, pois o tempo é sempre escasso para dar conta de tantas atividades. Desta feita, há o “reino da urgência”, é preciso “correr contra o tempo”, porém, “quanto mais depressa se anda, menos tempo se tem” (CHARLES; LIPOVETSKY, 2019, p. 82). A relação dos sujeitos com o tempo é tão acelerada que o tempo é “sem esperas” próprio da “Era da Pre(s)sa”, expressão criada por Fazzio (2019).

O ser humano começa a ter outra relação com o tempo passado e o tempo futuro, concentrando-se especialmente no presente, no aqui e agora, o que é designado presenteísmo, a experiência do tempo “em que o presente se impõe como o único horizonte” (HARTOG, 2013, p. 9), achatado em seus sentidos e significados.

Inúmeros fatores colaboraram para o deslocamento da preocupação com o futuro para o foco no presente, como a mundialização neoliberal e a revolução das tecnolo-

gias da informação a partir da década de 1980, especialmente na década de 1990. Daí em diante, as novas tecnologias eletrônicas e de informática contribuíram para o sentimento crescente de contração do tempo e a imposição de imediatividade e simultaneidade no fazer e no acontecer.

Na sociedade hipermoderna, o tempo é vivido com uma preocupação constante, na medida em que exerce uma pressão sobre o modo de viver das pessoas. Essa contração do tempo torna os eventos da vida imediatos, criando um fluxo de aceleração intensa, substituindo o vínculo humano e prejudicando a qualidade de vida. Para Charles e Lipovetsky (2019), as relações próximas e reais são substituídas pelas relações virtuais, criando uma cultura hiperativa, que compromete a sensorialidade e a busca do prazer.

Todavia, esse não é o entendimento da psicanalista Lia Pitliuk (2020), cujas experiências clínicas apontam em outra direção. Segundo a autora, o que pôde vivenciar com seus pacientes em atendimento-linha (atendimentos por telefone e internet) são comunicações que vão além dos recursos verbais e que têm efeitos sobre os afetos e o corpo. Seguindo esse raciocínio, sensorialidade não deixa de existir em sede de relações virtuais.

Muito embora vários grupos da população estejam à margem da aceleração por estarem em condições menos privilegiadas no meio social, como desempregados, doentes, marginalizados ou privados de direitos, é possível afirmar que “a aceleração é uma característica definidora da modernização” (ROSA, 2019, p. 55) nos grandes centros urbanos. Esses grupos são menos afetados pelo fenômeno da aceleração, na medida em que a passagem do tempo para eles ocorre de outra forma, mais lenta.

Observa-se, assim, ao longo da nossa era, um descompasso na percepção do tempo. Por um lado, os processos aceleratórios difundiram-se com enorme velocidade. Em contrapartida, surgiram os fenômenos de dessincronização do novo tempo ou fenômenos de desaceleração. Essas contratendências surgem como reação aos processos de aceleração ou efeito colateral da aceleração (ROSA, 2019). A título de exemplos, temos os movimentos de *slow life* (vida leve), que é uma filosofia de vida que orienta hábitos e práticas de uma vida cotidiana mais saudável e desacelerada, como o *mindfulness* (atenção plena), o *detox* (desintoxicação) digital e o monitoramento do tempo de uso das redes sociais.

Todavia, para nós, essas contratendências também são absorvidas pela lógica do mercado porque não propõem, de fato, uma transformação do indivíduo, mas são oferecidas como uma tarefa a mais a ser cumprida. Na realidade, as pessoas seguem ocupando o tempo com algo em que tenham de ser produtivos, evitando a experiência do nada fazer ou do fazer menos e devagar. Assim, as atividades de desaceleração tornam-se um compromisso e uma exigência a mais na agenda semanal.

Han (2017b) utiliza o termo “desaceleramento” para designar a diminuição do tempo de trabalho, afirmando se tratar de um reflexo do tempo de trabalho acelerado. Na sua concepção, o denominado desaceleramento se define como uma alteração do tempo de trabalho, e não a transformação em outro tempo. Para o autor, o homem

deixou de ser explorado pelas máquinas da época industrial para ser explorado pelos aparatos digitais de maneira mais eficiente e ininterrupta, haja vista que esses dispositivos são móveis e carregados facilmente para qualquer lugar.

Anteriormente a Rosa, Charles e Lipovetsky (2019) já afirmavam que a hipermodernidade instituiu a cultura da hiperatividade, do fluxo agitado, da ausência de sensorialidade e da prevalência de intercâmbios virtuais. Todavia, também salientaram o crescimento da indústria do bem-estar, o cuidado estético, a erotização da sexualidade feminina, a estetização em massa dos prazeres como características de nossa era.

Ambas as tendências coexistem:

Uma acelera as velocidades que tendem à desencarnação dos prazeres; a outra, pelo contrário, leva à estetização dos deleites, à felicidade dos sentidos, à busca da qualidade do momento. Por um lado, um tempo comprimido, “eficaz”, abstrato; por outro, um tempo de focalização no qualitativo, nas volúpias corporais, na sensualização do instante. (CHARLES; LIPOVETSKY, 2019, p. 86)

Com a hiperinformação, a hipercomunicação e a digitalização da vida, a sociedade contemporânea se torna cada vez mais positiva e transparente, conforme pensamento de Han (2017c). A circulação veloz de informações fomenta o movimento para uma exterioridade total, uma comunicação sem limites (HAN, 2018c), contrapondo-se ao retraimento, à reserva e à interioridade, que são próprios da negatividade.

A transparência, por sua vez, torna a sociedade uniformizada, de modo a não ser possível oferecer resistência e divergência. Ela nega a alteridade e elimina o outro ou o estranho, suprimindo a singularidade das coisas. O tempo transparente (HAN, 2017c, p. 10) é um tempo submetido à lógica operacional de cálculo, governo e controle, sem sentido, do que se depreendem indícios de opressão ou totalitarismo do igual. Essa transparência impede o planejamento de ações de lento e longo prazo, não permitindo que algo tenha um processo de maturação.

Isso implica dizer que no século XXI estamos inseridos em uma temporalidade digital, na qual há a prevalência do presente imediato e as informações produzidas, enviadas e recebidas não se submetem à intervenção de terceiros. Essa temporalidade se caracteriza pela hiperpresença de pessoas e informações de forma ininterrupta e permanente, justificando a afirmativa de Han (2018b, p. 35) de que “a mídia digital é uma mídia da presença”.

Nota-se um excesso de presença do digital na vida cotidiana do indivíduo e uma convocação à ação imediata inerente à abundante quantidade de estímulos. Nesse sentido, as novas mídias digitais garantem um permanente estado excitado no indivíduo, provocando enorme pressão na vida dos homens e das mulheres, especialmente destas quando têm uma vida ativa com filhos, visto que ainda hoje as mulheres são mais sobrecarregadas com a administração do lar (ROSA, 2019).

A aceleração do tempo reduz a complexidade da comunicação, dada a rapidez das informações que circulam nas mídias digitais. Com muito mais razão, compromete a comunicação sensorial, tendo em vista que os sentidos exigem acuidade e demora.

Na obra *Psicanálise do sensível*, Fontes (2010) retoma a teoria de Julia Kristeva sobre o empobrecimento da vida interior nos dias de hoje e cita a existência de uma atrofia do psiquismo, pois frequentemente se verificam na clínica dificuldades de representação psíquica. Daí inferimos uma linguagem artificial e robotizada, sem a ancoragem no corpo, impossibilitando o processo de simbolização. Menciona o tempo sensível como aquele associado às nossas memórias subjetivas e que remetem a sensações, como o tempo proustiano que busca infinitamente o tempo perdido.

A noção de tempo para o ser humano é a condição ontológica do psiquismo. Segundo Winnicott, o ser humano é um fenômeno de temporalização: é no tempo e com o tempo que ele se constitui, num processo maturacional que nunca termina. É definido como “uma amostra-no-tempo da natureza humana” (1988/1990, p. 29), com tendência inata à integração numa unidade, que é a conquista básica para a saúde mental.

Nossa psique não está pronta para acompanhar a aceleração social. O psiquismo humano exige um tempo de elaboração mais lento para realizar os trabalhos psíquicos. A aceleração social inerente à hipermodernização conduz os usuários das novas mídias a uma redução da compreensão, visto que está na contramão da temporalidade psíquica.

Kerckhove (2009), em sua obra *A pele da cultura*, cita a expressão “colapso do intervalo”¹ ao se referir à TV como propiciadora da diminuição do intervalo entre o estímulo e a reação, e também o tempo que a informação leva para ser processada no nosso consciente.

Muito embora Rosa e Lipovetsky entendam que a aceleração é um processo que vem acontecendo desde a Idade Moderna, Han (2018b) sustenta que as tecnologias digitais instituíram uma nova temporalidade: a digital. Essa temporalidade digital, dada a velocidade com que a informação e a comunicação são processadas, não permite um planejamento longo e uma maturação das ideias. Essa temporalidade das novas mídias é contrária ao conceito de constituição do psiquismo na perspectiva winnicottiana.

2.2 O FUNCIONAMENTO DAS NOVAS MÍDIAS

Desde o surgimento do primeiro iPhone, em 29 de junho de 2007, e do primeiro iPad, em 3 de abril de 2010, as mídias digitais vêm aumentando progressivamente a conectividade e a cultura do *touch screen*. Tem sido observado cada vez mais frequentemente nas famílias o uso das novas tecnologias pelas mães, notadamente as que estão vivendo a maternidade pela primeira vez.

1 Expressão criada pelo comunicólogo Edward Renouf Sloupek (KERCKHOVE, 2009, p. 28).

Navegar no ciberespaço atualmente é uma atividade que expõe o ser humano a uma avalanche de informações de todo tipo, acenando para uma centena de possibilidades, o que facilmente provoca distrações. Tanto é assim que corriqueiramente as pessoas não conseguem dar continuidade a uma atividade escolhida, pois isso implica a fantasia de renunciar às demais opções e talvez perder outras boas oportunidades.

A prática do *zapping* (HAN, 2017c) tem sido comum e pode ser definida como

uma sucessão de saltos sem um rumo aparente ou pré-determinado, uma modalidade de consumo da televisão, do início do século XX, [...] possibilitados pela tecnologia do controle remoto e pela profusão de ofertas de canais tanto via cabo como pelo ar. (PRESTES, 2010, p. 3, tradução nossa)²

A princípio, o *zapping* se referia à troca constante de canal de TV pelo controle remoto; porém, com a digitalização, o termo passou a ser empregado também como o deslizamento superficial nas mídias digitais sem leitura crítica e reflexão profunda. Trata-se da mudança rápida de tela (imagem) que minimiza o conteúdo e dispersa a atenção. Há uma aglomeração de imagens e informações, impossibilitando a pausa contemplativa (HAN, 2015).

Essa massificação e essa velocidade do fluxo de informações diárias no campo digital têm promovido a homogeneização do pensamento e a diminuição do senso crítico dos usuários. A sociedade da informação não tolera pausas nem intervalos, o que torna difícil a capacidade para o pensar, que pressupõe a falta, o vazio.

Há uma uniformização da comunicação, na qual prevalece mais do mesmo, fazendo com que os usuários tendam a interagir com outros que compartilham dos mesmos interesses e opiniões. A alienação de ideias e, subsequentemente, de comportamentos é previsível, considerando que aqueles que compartilham as mesmas opiniões acessam os mesmos conteúdos na internet.

A comparação é inevitável em nossa era, pois, pelo fato de a globalização ter promovido uma composição de diversas culturas, há um distanciamento cada vez maior da tradição (HAN, 2019). Ora, se o indivíduo está distante de suas raízes, de sua cultura e tem acesso a várias concepções de mundo, é bem provável que seja mais suscetível a ideias diferentes de sua própria cultura.

Apesar da exposição a uma variedade cultural na internet, percebe-se que há a prevalência de um modelo eurocêntrico ou estadunidense como se fosse um ícone cultural universal, o que restringe a noção de indivíduo. Além disso, a comunicação digital, ao mesmo tempo que acolhe o que é de cada um, tenta dar respostas únicas, especialmente ligadas aos algoritmos, que não entendem o sujeito, entendem o consumidor de produtos e ideias.

2 Texto original: “una sucesión de saltos sin un rumbo aparente o predeterminado, una modalidad de consumo de la televisión, de inicio del siglo XX, [...] possibilitados por la tecnología del control remoto y por la profusión de ofertas de canales tanto por vía cable como por aire”.

A velocidade intensa, própria do universo digital, estabelece uma relação obsessiva e compulsiva do ser humano com os aparatos digitais, obrigando os usuários a estarem sempre disponíveis e online, como uma loja de conveniência. Em vez de oferecerem mais liberdade na comunicação, os aparatos digitais favorecem uma coação da comunicação (HAN, 2018b), tornando-se instrumentos acoplados ao corpo e de uso autômato.

A mídia digital fez surgir de forma radical o paradigma do digital, que, muitas vezes de forma não consciente, transforma nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida. Conforme afirma Han (2018b), a mídia digital nos conduz à embriaguez, à cegueira e à estupidez, sem que o usuário tenha condições de avaliá-las. Ademais, é considerada por ele uma mídia dos afetos, na medida em que a comunicação é carregada de afetos e se dá em um ambiente em que a temporalidade é imediata.

Outra particularidade das mídias digitais é a desmediatização (HAN, 2018b), ou seja, todas as pessoas podem produzir, enviar e receber informação, sem intermediários. Dessa forma, qualquer pessoa pode emitir opinião e informação sobre qualquer assunto, sem filtro, ainda que não tenha autoridade e competência para isso, o que torna a mídia digital uma mídia da presença, da rapidez, do instantâneo.

Esse universo digital com excesso de informações a que somos expostos diariamente fez surgir dois fenômenos recentes conhecidos como infodemia e *zoom fatigue*.

A infodemia consiste na abundância de informações sobre determinado tema, sendo estas verdadeiras ou falsas, interpretadas e repassadas de forma diferente da original. Portanto, tanto faz haver veracidade ou não dos fatos, ocorre sempre uma distorção da informação de origem.

Em 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu infodemia como “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, s. d.).

O fenômeno “*infodemia*” tem acontecido com frequência em diversas faixas etárias, em todas as camadas sociais, nas profissões mais variadas, principalmente após o crescimento do *home office* como regra com o surgimento da covid-19; e certamente não deixaria de afetar, com muito mais razão, as mães.

Infodemia é um estado exaustivo causado pelo uso excessivo de comunicações via *zoom*, que forcem a nossa atenção e a absorção de informação; além disso, é comum distrair-se e perder o foco na chamada de vídeo, enviar mensagem aos amigos e conferir e-mails (FOSSILIEN; DUFFY, 2020).

No mesmo artigo publicado na *Harvard Business Review*, Fossilien e Duffy (2020) prosseguem:

A fadiga do zoom decorre de como processamos as informações em vídeo. Em uma chamada de vídeo, a única maneira de mostrar que estamos prestando

atenção é olhando para a câmera. Mas, na vida real, com que frequência você fica a menos de um metro de um colega e olha para o rosto dele? Provavelmente nunca. Isso ocorre porque ter de sustentar um “olhar constante” nos deixa desconfortáveis – e cansados. Pessoalmente, podemos usar nossa visão periférica para olhar pela janela ou para outras pessoas na sala. Em uma chamada de vídeo, porque estamos todos sentados em casas diferentes, se olharmos pela janela, nos preocupamos, pode parecer que não estamos prestando atenção. Sem mencionar que a maioria de nós também está olhando para uma pequena janela de nós mesmos, tornando-nos hiperconscientes de cada ruga, expressão e de como ela pode ser interpretada. Sem as interrupções visuais de que precisamos para nos reorientar, nossos cérebros ficam cansados. (p. 2, tradução nossa)³

A overdose de informação que circula na internet tem gerado confusões, contradições, imprecisões, distorções da realidade dos fatos e as *fake news*.

Inicialmente, as *fake news* estavam associadas ao cenário e a assuntos políticos, com o intuito de manipular e enganar as pessoas por meio da propagação de notícias falsas. Com o tempo, elas passaram a viralizar nas mídias digitais, sendo aceitas por seus usuários sem questionar sua credibilidade e fonte. De acordo com alguns pesquisadores do tema, as pessoas costumam aceitar a informação que lhes parece familiar, que confirma suas crenças preexistentes e que é repetida em vários contextos (LAZER *et al.*, 2018).

Em um vídeo postado no YouTube, a psicanalista Maria Homem (2019), ao abordar o assunto das *fake news*, afirma que “um dos sintomas da nossa era é que a informação pode ser falsa”, ou seja, apesar de termos acesso a tantas informações por diversos meios de comunicação, não há uma segurança de que a informação compartilhada nas mídias digitais seja verdadeira.

Aqui consideramos informação verdadeira seguindo a concepção de verdade atribuída pela Teoria do Conhecimento como sendo a objetividade e a evidência dos fatos ou dos objetos conforme as leis do pensamento da não contradição e do logicismo (HESSEN, 2003).

3 Texto original: “‘Zoom fatigue’ stems from how we process information over video. On a video call the only way to show we’re paying attention is to look at the camera. But, in real life, how often do you stand within three feet of a colleague and stare at their face? Probably never. This is because having to engage in a ‘constant gaze’ makes us uncomfortable — and tired. In person, we are able to use our peripheral vision to glance out the window or look at others in the room. On a video call, because we are all sitting in different homes, if we turn to look out the window, we worry it might seem like we’re not paying attention. Not to mention, most of us are also staring at a small window of ourselves, making us hyper-aware of every wrinkle, expression, and how it might be interpreted. Without the visual breaks we need to refocus, our brains grow fatigued”.

Ainda que haja tanta incerteza quanto à autenticidade da informação, Maria Homem (2019) argumenta que atualmente há um amor ao falso e um hino de louvor à fantasia. Isso nos faz pensar que as mídias digitais têm a capacidade de alastrar informações falsas com uma velocidade incomensurável, abrangendo inúmeras pessoas que passam a compartilhar da mesma realidade virtual falsa, negando a ocorrência dos fatos. A verdade deixou de ser importante.

Han (2017c, p. 25) destaca: “A hiperinformação e hipercomunicação gera precisamente a falta de verdade, sim, a falta de ser. Mais informação e mais comunicação não afastam a fundamental falta de precisão do todo. Pelo contrário, intensifica-a ainda mais”.

De outra parte, Harari (2018), em *21 lições para o século 21*, apresenta outro posicionamento. Segundo o autor, o ser humano sempre viveu na era da pós-verdade, caracterizada por ficções, dado que essas ações fazem parte de sua natureza e contribuíram para a sua sobrevivência no planeta.

Nas suas palavras,

Desde a Idade da Pedra, mitos que se autorreforçavam serviram para unir coletivos humanos. Realmente, o Homo Sapiens conquistou esse planeta graças, acima de tudo, à capacidade exclusiva dos homens de criar e disseminar ficções. Somos os únicos mamíferos capazes de cooperar com vários estranhos porque somente nós somos capazes de inventar narrativas ficcionais, espalhá-las e convencer milhões de outros a acreditar nelas. Enquanto todos acreditarmos nas mesmas ficções, todos nós obedecemos às mesmas leis e, portanto, cooperamos efetivamente. (HARARI, 2018, p. 290)

Ainda nessa linha, vale dizer que, apesar de a virtualidade ser um elemento tão marcante no mundo contemporâneo, é algo já notado desde as técnicas mais antigas, como a escrita. Com base em Levy (2018, p. 49), virtual é “aquilo que existe apenas em potência e não ato, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma atualização. O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal”. Segundo esse entendimento, o virtual não é sinônimo de irreal e se opõe ao atual (efetivação material de algo), e não ao real. Assim, a realidade pode se apresentar de dois modos: virtual ou atual, e não real, como a maioria leiga diz – até porque sabemos que há vários tipos de realidade.

Outros meios de comunicação, como o rádio, a televisão e o telefone, continham informações que eram atualizadas em cada contexto de uso. Assim, as contribuições novas do ciberespaço estão relacionadas à maior acessibilidade dos usuários para enviar, receber e consultar informações, independentemente de localidade geográfica e diferença de horários, em tempo real.

A grande inovação, portanto, é a de que qualquer pessoa pode criar um perfil falso, um avatar ou um *chatbot* em qualquer plataforma, estabelecer conversas, compartilhar informações e produzir conteúdo. As notícias procedem de milhares de fontes, muitas vezes com o intuito de confundir e enganar os outros. Esses perfis revelam a permissividade do anonimato nas mídias digitais e a diluição das fronteiras entre a máquina e o humano.

O anonimato pode ser, ainda, um caminho escolhido por aqueles que buscam um descanso de suas próprias identidades pessoais e tentam se livrar de qualquer responsabilidade e de vínculos sociais, como demonstrou Le Breton (2018). Essa vontade de desaparecer de si mesmo se torna facilmente viável pela internet, na medida em que o indivíduo se dispersa no ciberespaço, despido de sua identidade originária. A identidade anônima liberta o indivíduo de sua imagem insatisfatória perante o outro e o alivia da obrigação de se representar para o outro.

O ser humano parece estar cada vez mais alienado e controlado pela sociedade da informação e pela comunicação digital, na medida em que se expõe nas mídias digitais fornecendo seus próprios dados voluntariamente e ignorando, muitas vezes, se interage com uma pessoa ou com um robô.

As mensagens veiculadas nas mídias digitais visam atrair a atenção das pessoas e provocar reações emocionais que ultrapassam o “curtir”. Santaella (2018) argumenta que o sensacionalismo está mais presente do que nunca, visto que alimenta o vício das pessoas pelas más notícias. Assim, o sensacionalismo provoca mais cliques e compartilhamentos, portanto, maior volume de informações em circulação que se distanciam da razoabilidade, da racionalidade e do bom senso.

Assim, as mídias digitais se caracterizam com informações descentralizadas, que procedem de fontes diferentes, formando um espaço confuso e contraditório. A lógica das redes é centrada na performance e no compartilhamento, tornando fácil o convite à exposição de si mesmo e ao “show do Eu”, expressão usada no livro de Paula Sibilia (2016).

É importante aqui fazermos uma colocação para situar o momento histórico em que estamos vivendo. Atualmente, podemos afirmar que o nosso modelo de vida vai além do proposto por Debord (1997), ao estabelecer que na sociedade do espetáculo tudo que é vivido é uma representação; o espetáculo é a afirmação da aparência, das imagens, na qual há o domínio da mídia.

Além disso, temos hoje uma sociedade da transparência ou pornográfica, conforme define Han (2017c), em que há uma falta de distância, de vergonha e de proteção da informação e da comunicação. A hiperexposição de informações torna cada usuário das mídias digitais seu próprio objeto-propaganda, à mercê dos ditames do capitalismo.

Outra característica das mídias digitais é o protocolamento voluntário e total da vida (HAN, 2018b). Ao utilizar as mídias digitais, as pessoas alimentam o *big data* com milhares de dados que são automaticamente salvos e rastreáveis. Isso permite maior controle e vigilância da comunicação digital e a mitigação da privacidade dos

dados. Esse comportamento permite uma descrição mais precisa de nós do que a imagem que temos de nós mesmos.

Conforme as sofisticções do dataísmo digital que vêm ocorrendo, é possível que logo tenhamos a algoritmização da vida. Isso significa dizer que o processo de tomada de decisões passará a ser controlado pelos algoritmos e não mais por seres humanos, considerando-se o avanço tecnológico já atingido.

Harari (2018, p. 80) explica:

À medida que cientistas chegam a uma compreensão mais profunda de como humanos tomam decisões, a tentação de se basear em algoritmos provavelmente vai aumentar. Hackear a tomada de decisão por humanos não só fará os algoritmos de Big Data serem mais confiáveis; ao mesmo tempo, fará com que os sentimentos humanos sejam menos confiáveis. À medida que governos e corporações obtêm sucesso ao hackear o sistema operacional humano, ficaremos expostos a uma enxurrada de manipulações guiadas com precisão. Pode ficar tão fácil manipular nossas opiniões e emoções que seremos obrigados a nos basear em algoritmos do mesmo modo que um piloto, ao sofrer um ataque de tontura, tem de ignorar o que seus sentidos estão lhe dizendo e depositar toda a sua confiança nos aparelhos.

O fenômeno da algoritmização compromete a ilusão que temos de livre-arbítrio e de liberdade individual. Dessa forma, fica evidente que a máquina escolhe e decide pelo ser humano, na medida em que ela contém informações suficientes para traçar um perfil do usuário e acessar suas emoções, sentimentos, preferências etc.

Atualmente, existem aplicativos que permitem identificar padrões de comportamento e a personalidade de alguém com base nos *likes* do Facebook, ainda que haja uma margem de erro (BRUNO, 2018). Os algoritmos são alimentados por uma economia psíquica e são capazes de fazer previsões e de intervir nas emoções e condutas humanas. Há uma vulgarização da ética com essa prática humana?

É nesse contexto que Han (2017a) defende que o sujeito pós-moderno possui um inconsciente marcado com características bem diferentes das da época de Freud. Para o autor, o inconsciente freudiano é repressivo, fruto da sociedade disciplinar. Ele sugere a existência de um inconsciente digital (2018b) para o sujeito contemporâneo que vive em uma sociedade do desempenho, visto que o *big data* faz surgir um campo de ação estruturado de forma inconsciente, de microações inconscientes. “Os big data também poderiam promover padrões coletivos de comportamento dos quais não seríamos conscientes como indivíduos” (HAN, 2018b, p. 89). O chamado inconsciente digital é acessado e controlado pela sociedade digital de vigilância, que cada vez mais detém poderes totalitários sobre o mundo interno do ser humano.

Por essa razão, o professor e sociólogo especialista em mídia digital Nick Couldry (2019) alerta para a existência de um novo colonialismo no século XXI, o colonialismo de dados. O neocolonialismo, definido como a apropriação de dados online pelas *big techs* (grandes empresas de tecnologia, como Google, Apple, Microsoft e Facebook), tem como lema que “todos devem estar sempre conectados” (PACHECO, 2019). Essas empresas geram muitos lucros às custas de exploração e manipulação da sociedade, na medida em que os produtos veiculados são os nossos dados pessoais colhidos eficientemente.

A Era Digital é também marcada pela mensurabilidade e pela quantificabilidade da vida, onde tudo é passível de ser aferido por meio de dados. Tanto é assim que há o *quantified self*, que pode ter dois significados: um fenômeno cultural de *self-tracking* (autorrastreamento) com a tecnologia e uma comunidade de usuários com ferramentas de autorrastreamento que compartilham o interesse por autoconhecimento a partir dos números (*self knowledge through numbers*).

Han (2018c) adverte que, por mais que esses dados descrevam as pessoas, não têm o condão de gerar autoconhecimento, porque não há uma narrativa. Os dados em si são vazios de sentido. Segundo o autor, “a narrativa é que conduz ao encontro de si e ao autoconhecimento” (p. 84).

Nesse contexto, a psicanálise pode ser um caminho terapêutico interessante para o indivíduo ir ao encontro de si mesmo, falar em nome de si próprio e descobrir o seu *self*. Winnicott (1962/1983) pensava a análise como um tratamento para manter-se vivo, bem, desperto, ser si mesmo. O objetivo da análise é atender às necessidades emocionais do paciente e auxiliá-lo a uma maior integração de si, visando enriquecer seu mundo interno.

2.3 A CORPOREIDADE NA ERA DIGITAL

As novas mídias têm impulsionado muitos debates na cena contemporânea, e o corpo sempre foi assunto de grande interesse para a psicanálise. De acordo com a teoria psicanalítica, a natureza humana é constituída de pensamentos, e isso depende do elemento corporal. Isso significa que o ser humano conhece as coisas por meio dos órgãos dos sentidos, o que relacionamos com a ideia freudiana de que o nascimento do psiquismo está intimamente ligado às sensações corporais.

Em *O eu e o id*, Freud (1923/2011), ao abordar a gênese do eu, afirma que “o eu é sobretudo corporal” (p. 24), pois se constitui a partir das percepções internas e externas do corpo. O eu é uma projeção da superfície corporal.

Partindo da ideia freudiana de um eu originário, Anzieu (1989) formulou o conceito de eu-pele, um eu que abarca as sensações e os registros corporais relacionados às trocas de frio e calor, trocas respiratórias, trocas de pele com pele entre o indivíduo e a mãe. Daí a importância e a relação entre o sensorial e a criação do aparelho psíquico. Podemos dizer que o eu-pele está na origem do psiquismo.

Winnicott (1949/2000) concebia o corpo como um processo interativo do soma com a psique que se inicia poucos dias após o nascimento do indivíduo. Soma é apenas o organismo do indivíduo, sem considerar a sua relação com o ambiente. De acordo com Winnicott, em um desenvolvimento saudável, não é possível separar a psique do soma. Esses dois elementos fazem parte do corpo do indivíduo.

No entendimento de Safra (2006, p. 42), “todo o mundo humano é uma metáfora do corpo”. De acordo o autor, as criações culturais correspondem a imagens da corporeidade humana. Quando não é possível acontecer o processo criativo, o corpo adocece.

Ora, a questão que se coloca atualmente é se as relações virtuais na contemporaneidade, notadamente as que ocorrem entre as mães que permanecem conectadas aos grupos do universo materno nas mídias digitais, são relações que comprometem a corporeidade. Se sim, em que sentido?

Neste trabalho, ao destacarmos as mães hiperconectadas, é oportuno o pensamento de Ferraz (2014, p. 65) ao comentar sobre os efeitos sobre a pele do uso das mídias digitais no tocante aos modos de vida da pessoa que a inserem numa lógica de controle e do capitalismo:

essa inscrição que tende a ser curtocircuitada nesse movimento acelerado, na imediatez de um incessante conectar-se e desconectar-se, como que alisando (ou digitalizando) a pele, fechando-lhe os poros. Nessa pele lisa os possíveis encontros parecem tão-somente esbarrar para escorrer. A sensação de deslizar sobre superfícies lisas tem por efeito bloquear a penetração nos poros e a inscrição efetiva de acontecimentos no corpo.

O conectar, o desconectar e o pular de alguma coisa para outra com tanta facilidade dão a ilusão de liberdade, movimento e de desejo diversificado. No entanto, a dinâmica das novas mídias é estruturada para incitar velocidade, imediatez, descartabilidade e deletabilidade generalizada. Em razão dessa facilidade do descarte, o ambiente digital cultiva interrupções. Conforme entende Ferraz (2014, p. 66), “há um desinvestimento afetivo e existencial da pele”.

Han (2018b) sustenta que a mídia digital subtrai formas não verbais de expressão da comunicação humana, reduzindo a tatilidade e a corporeidade. Segundo sua tese, “a comunicação digital se torna cada vez mais sem corpo e sem rosto” (p. 44), “a comunicação digital é uma comunicação pobre de olhar” (p. 47), “a mídia digital nos afasta cada vez mais do outro” (p. 48).

Nessa linha, Han (2018a) propõe a descorporalização crescente do mundo a partir do paradigma do digital, pois há cada vez menos comunicação entre corpos. Os corpos estão ausentes, alienados, desrealizados de si mesmos. Por isso, temos conexões, e não relações, entre pessoas.

Le Breton (2013) postulou que o espaço cibernético coloca o corpo entre parênteses, faz o sujeito sentir fisicamente um mundo sem carne. Para o autor, o mundo digital convida o sujeito a construir uma existência virtual que tenta ultrapassar os limites do corpo, tornando-o artificial. Para Le Breton, há uma dissociação de corpo e experiência, na qual a relação com o mundo não é real, e sim uma mera relação de dados. O espaço cibernético como um espaço de informações não requer mais a corporeidade humana. Há uma redução nas sensorialidades, e o corpo vai se tornando desnecessário.

É nesse sentido que Le Breton (2013) fala em fim do corpo, pois o corpo deixou de ser um elemento fundamental nas interações humanas. Na época da hipercomunicação, o que impera são as imagens por meio de telas, e o toque não faz mais parte das conexões. A exemplo disso, temos os hologramas.

Ironicamente, a tecnologia *touch screen* permite que as pessoas toquem o que quiserem, porém, com o obstáculo da tela; podem acariciar, deslizar a tela para escolher o que querem ler e ver. É um mundo ao toque dos dedos, mas que não pode ser tocado concretamente.

A comunicação digital é uma comunicação mais restrita, na medida em que o corpo é intermediado por uma tela, havendo uma exigência de atenção superior, sobrecarregando o olhar em detrimento dos outros sentidos. A percepção do ambiente é focada na tela, há um esforço para ouvir devido à conexão da internet, perde-se o contato ocular com o outro por causa da câmera.

Todavia, a psicanalista Pitliuk (2020) possui um outro entendimento sobre o assunto. Para ela, muito embora as comunicações virtuais revelem outra forma de interação humana, não deixam de provocar afetos nos envolvidos, tampouco retiram o corpo do indivíduo da cena. Se assim fosse, os pacientes não se emocionariam por trás das telas, tampouco demonstrariam expressões corporais relevantes.

De acordo com Lemma (2015), o fato de estarmos no ciberespaço não faz com que estejamos ausentes de nossos corpos; o que se altera é a nossa vivência da corporeidade, pois no espaço virtual podemos experimentar outras identidades. Resta questionar a autenticidade das apresentações dessas identidades no ciberespaço.

Uma preocupação que se mostra pertinente é a de que o mundo digital venha a substituir o mundo real, visto que o uso cada vez mais intenso da internet e outras circunstâncias, como globalização, violência urbana, guerras, pandemias, trabalho remoto, podem colaborar com isso.

Além disso, no mundo digital, o indivíduo possui uma “flexibilidade somática” (LEMMA, 2015, p. 76), que possibilita a ele estabelecer entre si e as várias formas de tecnologia produções autênticas ou não autênticas de sua identidade. Como exemplo, temos os avatares, que não têm semelhanças com a imagem corporal do indivíduo fora do mundo online. Isso caracteriza uma perda para o indivíduo (dono do avatar), que acaba se fixando em seu *self* avatar, prolongando o tempo de uso na internet e perdendo o contato com a realidade do mundo externo.

Essa é uma realidade dos tempos atuais que evidencia uma mudança na relação do indivíduo com a corporeidade, pois verificamos que os contornos do corpo alcançam outra dimensão, a digital.

2.4 O SABER DAS MÍDIAS DIGITAIS

A utilização dos aparatos digitais no cotidiano conferiu outros modos de viver ao ser humano, transformando, inclusive, a subjetividade materna no aspecto do cuidado dos filhos.

A identidade feminina é algo que precisa ser integrada ao longo da existência de cada mulher, em várias fases da vida. E a maternidade exige que a mulher se redefina em diversas dimensões, promovendo, com sorte, transformações psíquicas em sua identidade.

As mudanças identitárias demandam um longo processo de reconfiguração de si e estão em constante contato com o mundo do indivíduo do qual fazem parte. E, atualmente, esse mundo inclui o ciberespaço, o espaço da internet.

Em décadas passadas, até o *século XX*, as mães costumavam buscar informações sobre os cuidados maternos em livros e revistas, com os médicos pediatras e obstetras. Atualmente, apesar de ainda consultarem os livros,⁴ que são cartilhas ou guias de maternagem, a maioria das mães busca essas informações nas mídias digitais, devido à comunicação rápida, instantânea e global. Portanto, é de grande importância compreender como as mães têm se relacionado com o saber sobre os cuidados maternos que encontram nas mídias digitais na contemporaneidade.

O ambiente digital favorece o encontro com o igual, com o idêntico devido à *sequência dos algoritmos*. Esse funcionamento acaba empobrecendo a vida do indivíduo, pois retira-lhe a oportunidade da experiência do encontro. Não há um encontro, e sim uma conexão com o outro. Dessa forma, há um esvaziamento nas relações, pois o indivíduo evita o contato com a diferença.

Han (2018a, p. 11) escreve que:

A interconexão digital total e a comunicação total não facilitam o encontro com os outros. Servem antes para encontrarmos pessoas idênticas e que pensam de maneira idêntica, fazendo-nos passar de largo pelos desconhecidos e

4 Alguns dos livros indicados pela administradora do grupo do Facebook: *Bésame mucho: como criar seu filho com amor*, *Manual prático de aleitamento materno*, *Meu filho não come*, *A maternidade e o encontro com a própria sombra*, *60 dias de neblina*, *O livro da maternagem*, *Disciplina positiva*, *Disciplina sem dramas*, *O cérebro da criança explicado aos pais*, *O grande livro da criança*, *Crianças felizes: o guia para aperfeiçoar a autoridade dos pais e a autoestima dos filhos*, *Educação não violenta*, *Já tentei de tudo: como lidar com crianças de 1 a 5 anos*, *Como falar para seu filho ouvir e como ouvir para seu filho falar*, *Pais e mães conscientes*, *Inteligência emocional e a arte de educar os nossos filhos*, *Educar sem violência*, *Criando filhos sem palmadas*, *Criando com amor em tempos de ódio*, *Por que gritamos*.

pelos que são diferentes, fazendo assim com que o nosso horizonte de experiências se torne cada vez mais estreito. Prendem-nos num anel interminável do eu e, em última análise, levam-nos a uma “autopropaganda que nos doutrina com as nossas próprias ideias”.

A enxurrada de dados online e sua velocidade colocam os usuários numa posição de passividade, transformando todas as informações em números e reduzindo a capacidade de pensar. As informações estão facilmente disponíveis, e é possível fazer correlações com os macrodados. Porém, nem a averiguação da relação de causa e efeito é possível de ser verificada, fazendo com que o saber retorne à sua forma mais primitiva, “é assim e ponto final” (HAN, 2018a, p. 12).

Dessa forma, as redes sociais tornam-se uma “caixa de ressonância”, “uma câmara de eco” (HAN, 2018a, p. 14), em que não há espaço para a alteridade, para a estranheza, para a diferença. Isso fica evidente em alguns grupos de mães do Facebook, que se tornaram “seitas da maternidade” com ideologias próprias, que não aceitam divergências das mães que desejam entrar no grupo, ou daquelas que *já estão no grupo*, quanto aos cuidados dos filhos. Nos casos de contrariedade ou diversidade de opinião, é comum que o comentário da mãe seja apagado ou que o perfil seja bloqueado do grupo.

Diante dessa dinâmica da conexão com o igual a si mesmo, nota-se que o saber do outro é apenas a confirmação do que o indivíduo pensa sobre determinado assunto. Assim, não há uma aquisição de conhecimento, porque não há uma nova compreensão da realidade, tampouco uma transformação de si.

Em *Agonia do eros*, Han (2017a) considera que as fantasias do sujeito contemporâneo são experienciadas de modo imaginativo e virtual, por meio das mídias digitais. Segundo o autor, a força da imaginação é marcada pelo mercado de consumo e pela cultura midiática. A hiperatividade da sociedade acelerada e a ausência do olhar contemplativo geram uma crise da fantasia, o desaparecimento do outro ou a agonia de eros.

A despeito disso, Lyotard (2011) afirma que na sociedade informatizada contemporânea o saber é um elemento importante na competição mundial pelo poder. Da mesma maneira que a exploração de matérias-primas e mão de obra barata e a dominação de territórios foram objeto de conflito entre Estados-nações no passado, é possível que haja uma luta pelo domínio dos dados e das informações no futuro.

Atualmente, o acesso às informações tem ocorrido por empresários, funcionários do alto escalão, dirigentes de grandes órgãos profissionais, sindicais, políticos, confessionais, e não pela classe política tradicional.

A dissolução do vínculo social e das coletividades sociais faz com que o indivíduo permaneça entregue a si mesmo, submetido ao poder que esses administradores emanam sobre as informações que detêm de toda natureza.

Lyotard (2011, p. 35) também explica que o saber não se reduz à ciência nem ao conhecimento:

O conhecimento seria o conjunto dos enunciados que denotam ou descrevem objetos, excluindo-se todos os outros enunciados, e susceptíveis de serem declarados verdadeiros ou falsos.

A ciência seria um subconjunto do conhecimento. Feita também de enunciados denotativos, ela importaria duas condições suplementares à sua aceitabilidade: que os objetos aos quais eles se referem sejam acessíveis recursivamente, portanto, nas condições de observação explícitas; que se possa decidir se cada um destes enunciados pertence ou não pertence à linguagem considerada como pertinente pelos experts.

Para o autor, o saber vai além de enunciados denotativos. É formado por ideias de saber-fazer, saber-viver, saber-escutar etc. Diz respeito à formação do indivíduo, o conjunto de competências e habilidades que possui em diversos aspectos, que lhe permitem melhor conhecer, decidir, avaliar, transformar.

Há também o saber científico, que constitui um enunciado denotativo com um valor de verdade; é um saber com enunciados verificáveis ou falsificáveis a respeito de algo acessível aos especialistas. Trata-se de conhecimento objetivo, impessoal e universal.

A psicanálise winnicottiana, por sua vez, se interessa pelo estudo do saber inconsciente, o saber que não se sabe do indivíduo e de suas relações com o ambiente. No texto “Saber e aprender”, Winnicott (1950/2020) faz uma distinção entre dois tipos de conhecimento pertinentes às mães: existe um conhecimento cognitivo, que provém de informações adquiridas pelo ensino de outra pessoa, e um conhecimento natural, construído a partir da experiência de ser mãe, da relação que estabelece com o bebê.

Winnicott (1950/2020) também se refere a uma compreensão intuitiva das mães em relação a seu bebê, valorizando sempre essa qualidade e encorajando-as a cuidar de seus filhos da forma como sabem. Diz que essa habilidade não pode ser ensinada, e que outros conhecimentos poderiam ser adquiridos com os especialistas, desde que as mães não perdessem o saber natural de cuidar de seus filhos.

Esse saber natural das mães se manifesta normalmente no período da preocupação materna primária, estado em que a mulher fica com uma sensibilidade exacerbada e identificada com as necessidades do bebê. Isso costuma ocorrer no final da gravidez e nas primeiras semanas após o parto (WINNICOTT, 1956/2000). A qualidade da interação mãe-bebê determina a possibilidade ou não da construção desse saber materno, que é experiencial.

Loparic (2013, p. 26) complementa:

Não há critérios que garantam às mães serem bem-sucedidas: só há indicações genéricas, baseadas não no saber objetificante da razão teórica ou prática, mas na natureza humana exemplificada nas mães. A linguagem objetificante do discurso científico e moral dos adultos não se aplica à intimidade entre a mãe e o bebê. De resto, no mais das vezes, as mães podem dispensar esse tipo de conhecimento. Elas sabem “naturalmente” o que precisam fazer, por um saber pré-razional e pré-verbal, típico das mulheres regredidas à “preocupação materna primária”, um saber que funciona bem há centenas de milhares de anos e que não admite ser esclarecido, confirmado ou corrigido pelo consenso entre os peritos.

Disso se depreende que o saber materno está diretamente relacionado à experiência da maternagem da mãe com seu filho, como ela vivencia a relação pessoal de cuidado. Nesse sentido, a noção de experiência para Winnicott (1971/2019b) pressupõe o brincar, uma relação de objeto do indivíduo, que busca descobrir o próprio *self* e viver criativamente.

Bondía (2002), ao considerar o homem como palavra, tecido de palavras, que faz coisas com as palavras, que dá sentido ao que lhe acontece, definiu *experiência* como o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. No entanto, o autor adverte que a experiência é cada vez mais rara devido a alguns fatores: a) excesso de informação; b) excesso de opinião; c) falta de tempo; e d) excesso de trabalho.

De acordo com Bondía (2002), a sociedade da informação ou sociedade contemporânea não favorece as possibilidades da experiência, seguindo um ritmo contrário, quase de uma antiexperiência. O acúmulo de informações ou o saber de coisas não se confunde com o saber da experiência – estar informado não é o mesmo que ter sabedoria. De certa maneira, isso se revela preocupante, na medida em que o conhecimento é adquirido apenas como informação e seu processamento. Isso reduz o conhecimento a um saber cognitivo e totalitário, que aparenta ser livre e democrático.

Outro fenômeno que prejudica a experiência é o excesso de opinião. Em tempos de digitalização, o indivíduo contemporâneo tem a necessidade de expressar a sua opinião sobre qualquer informação que possui, supondo ser crítica, própria e pessoal de forma impositiva. Há uma obsessão constante de opinar sobre tudo, haja vista que se considera bem-informado para tanto. Cada vez mais o indivíduo se autoriza a opinar sobre qualquer assunto de forma automática, reativa, caindo no discurso do a favor ou contra.

A falta de tempo impossibilita a experiência, pois há uma sucessão de estímulos contínuos, que ocorrem de forma acelerada e fugaz. Isso impede a construção da memória e o espaço de silêncio, tornando o indivíduo contemporâneo frequentemente excitado, agitado, curioso e ávido por novidades. É um indivíduo que valoriza o tempo como mais uma mercadoria, tenta aproveitá-lo ao máximo, porém está sempre sem tempo, o que nos permite concluir que não está presente nos acontecimentos da vida.

Por fim, o excesso de trabalho é um impedimento à experiência porque está baseado na lógica do desempenho, do fazer, do produzir coisas, de apresentar resultados, sem interrupção. A experiência, por outro lado, requer parar para refletir, contemplar, sentir, suspender a opinião, o juízo, a ação autômata, cultivar a atenção, escutar os outros, silenciar, cultivar o encontro, ter paciência, dar-se tempo e espaço. Assim, a experiência pertence à lógica da paixão, que se traduz por sofrimento, responsabilidade pelo outro e amor.

Para Bondía (2002), o sujeito da experiência é aquele que possui uma abertura, uma receptividade, uma disponibilidade para o outro. E acrescenta: “É incapaz de experiência aquele que nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (p. 25).

A palavra experiência implica as ideias de travessia e perigo. É um encontro ou uma relação que se experimenta, se prova. Experiência vem do latim *experiri* (provar, experimentar). O radical *periri* significa perigo, e a raiz *per*, travessia (BONDÍA, 2002).

O saber da experiência apresentado por Bondía (2002) converge com a ideia do saber natural definido por Winnicott (1950/2020), pois é o saber que se adquire na relação com o outro ao longo da vida, conforme vai respondendo às coisas que acontecem e conforme o sentido que se atribui ao que acontece. O saber da experiência é um saber singular, pessoal, subjetivo, relativo e contingente.

Nessa linha, o saber da experiência cria a personalidade, o caráter, a sensibilidade, a forma de o indivíduo estar no mundo, fundando uma ética que conduz a sua vida.

A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida. [...] Se chamamos existência a essa vida própria, contingente e finita, a essa vida que não está determinada por nenhuma essência nem por nenhum destino, a essa vida que não tem nenhuma razão nem nenhum fundamento fora dela mesma, a essa vida cujo sentido se vai construindo e destruindo no viver mesmo, podemos pensar que tudo o que faz impossível a experiência faz também impossível a existência. (BONDÍA, 2002, pp. 27-28)

Nesse sentido, consideramos que a maternidade é uma oportunidade para a mãe criar experiências com seu filho, desde que esteja disposta a se transformar a partir dessa relação. A interação mãe-bebê desde o início da vida convoca a mãe a uma travessia e um perigo diante de seu desconhecido, o bebê. Portanto, essa relação que se estabelece entre ambos é irrepitível, caracterizada pela diferença, incerteza e pluralidade.

Ora, isso se distingue completamente do conhecimento objetivo, da *técnica*, dos guias, manuais e cartilhas de como se deve fazer determinada coisa, bem comum na sociedade contemporânea da performance veiculada nas mídias digitais. E, afetadas por esse discurso do desempenho e da performance, muitas mães cuidam de seus filhos de forma operativa, como se fosse mais uma tarefa do dia a cumprir. Isso acarreta um esvaziamento da experiência da maternidade, pois ser mãe exige entrega, disponibilidade e renúncia, não sendo possível planejar e controlar eventos contingentes da vida: “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar, nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’” (BONDÍA, 2002, p. 28).

Lobo (2018, p. 143), ao comentar sobre as mães que não conseguem se interessar e cuidar de seus filhos, afirma que essas mulheres “não abortam os bebês, mas abortam o gesto espontâneo, criativo, fruto da confiança”. Muitos bebês e muitas crianças têm os cuidados interrompidos ou fragmentados, pois suas mães se dividem entre o trabalho e a casa, se ausentando por muito tempo longe dos filhos ou terceirizando-os. A autora enfatiza que a maternagem tem sido exercida pelas mães por um curto período, porque os bebês têm ingressado em escolas cada vez mais cedo. Essa realidade colabora para o afastamento entre mãe e filho e a ausência de intimidade entre ambos, gerando impactos na constituição do indivíduo.

É preciso, urgente e necessário lembrar que, apesar de a presente pesquisa fazer o recorte dos cuidados maternos relacionados à figura da mãe-mulher, é sabido que a função materna pode e deve ser exercida por qualquer adulto saudável próximo à criança que se responsabilize por ela.

Assim, parece-nos que o comentário da autora Lobo (2018) é, de certa forma, ultrapassado e tendencioso, pois nem todas as mulheres-mães seguem mais o modelo mãe e dona de casa, tampouco no momento histórico atual muitas mães se ausentam de casa para trabalhar por necessidades econômicas e realizações profissionais, o que não foi considerado.

Até o século XX, havia a tradição da transmissão de um conhecimento sobre cuidados maternos de geração para geração ou por meio da comunidade entre os vizinhos. Atualmente, apesar de em algumas famílias ainda prevalecer esse costume, nota-se que é mais comum a transmissão do conhecimento sobre cuidados maternos pelos meios de comunicação de massa, especialmente pelas novas tecnologias digitais.

O saber sobre os cuidados maternos virou mais um produto do mercado. As mães solitárias, sem rede de apoio, vão adquirindo produtos que facilitam o seu dia a dia, como aplicativos, babás eletrônicas, berços eletrônicos e serviços variados, como babá, pediatra, professor, orientador de estudos, psicólogo, psiquiatra. A internet é uma grande loja em que há de tudo para se comprar, inclusive os serviços desses especialistas. Em tempos de fragilidade dos laços sociais, muitas mães buscam as mídias digitais para obter esse saber.

É discutível a confiabilidade do saber materno veiculado nas novas mídias, pois, como vimos, o empobrecimento da experiência da maternidade é uma realidade para muitas mulheres. Há aquelas não conseguem estabelecer uma relação pessoal e íntima

ou criativa com seu bebê, não restando outro caminho senão importar conteúdo da internet e aplicar na rotina dos filhos como se fossem guias ou cartilhas comportamentais.

2.5 DIGITAL MOMS

Quem são as *digital moms*?

As várias definições para *digital moms* foram encontradas em textos no Google devido à falta de conceitos acadêmicos e científicos para a expressão criada para designar esse novo tipo de mãe contemporânea.

As *digital moms*,⁵ as mães digitais, são aquelas que frequentemente acessam as mídias digitais buscando informações, suporte e entretenimento. São as mães que fazem uso constante da internet para comprar tudo de que a família precisa e atuam como *bloggers* e *influencers*.⁶ São também as mães que recorrem às novas tecnologias como ajuda para serem boas mães, de acordo com a fonte da Forbes.⁷

Para os fins desta pesquisa, utilizaremos a expressão *digital moms* para designar as mães que estão diariamente conectadas à internet e que a utilizam para ajudá-las na criação e na educação dos filhos.

Em tempos hipermodernos, a experiência da maternidade não está blindada pelas influências do mundo digital, e a comprovação disso é a existência cada vez mais expressiva das *digital moms* na internet. Esse fenômeno tem promovido muitas transformações no que diz respeito às formas de cuidado dos filhos, uma vez que o tipo de comunicação estabelecida online difere muito da comunicação presencial, provocando efeitos nas relações humanas.

Como vimos anteriormente, em razão da aceleração que é inerente à temporalidade digital, a comunicação intensa e ininterrupta dá azo a distrações, dificuldades de concentração e diminuição da complexidade da interação humana pela redução da linguagem.

Essa comunicação ilimitada também tem aumentado a angústia, a ansiedade e a insegurança de algumas mães contemporâneas em estarem sós com seus filhos devido ao descompasso existente entre o tempo lento do bebê e o tempo acelerado do mundo contemporâneo e do digital, fazendo com que elas se sintam atrasadas em relação às novidades do mundo e incapazes de acompanhar o ritmo do bebê. Elas sentem “nem lá, nem cá”.

5 Disponível em: <https://www.morriscreative.com/who-are-these-digital-moms/>. Acesso em: 14 fev. 2021.

6 Disponível em: Archer, C. (2019). How influencer ‘mumpreneur’ bloggers and ‘everyday’ mums frame presenting their children online. *Media International Australia*, 170(1), 47–56. <https://doi.org/10.1177/1329878X19828365>. Acesso em: 4 jan. 2022.

7 Disponível em: <https://www.punchbowl.com/trends/blog/post/what-you-need-to-know-about-digital-moms>. Acesso em: 4 jan. 2022.

Discute-se muito hoje em dia a diminuição da intimidade nas relações mãe-bebê, influenciadas pelo uso das mídias digitais pelas mães como fontes de auxílio no cuidado com os filhos. Certamente, após a Revolução Digital, o conceito de intimidade assumiu outros contornos, assim como a nossa relação com o mundo. Como podemos compreender essa mudança sem idealizar uma maternidade sem falhas, vivida romanticamente em outras décadas?

O texto de Carletti e Safra(2021) indica que houve uma mudança no modo como experienciamos o mundo, e isso afeta diretamente a experiência de cuidados da maternidade. Conforme citado pelo autor, na época moderna experienciávamos o mundo de acordo com uma lógica conjuntiva, em que a experiência se dava pelo vasto conjunto de sensibilidades afetadas pelo corpo; atualmente, nossa experiência é marcada pela lógica conectiva, em que há a apreensão do mundo pela digitalização, ou seja, a transformação da imagem, do texto e da voz em dados informatizados. Essa mudança na forma de apreender o mundo transforma as informações em dados (algoritmos) e divulga a promessa de solução de problemas de forma prática, rápida e certa, como se fosse possível eliminar qualquer dúvida humana.

Nesse contexto, um dos efeitos da digitalização é a diminuição da atenção e da disponibilidade que as mães podem oferecer a seus filhos, por permanecerem muito tempo conectadas em seus aparelhos eletrônicos, seja em função de trabalho, estudo, pesquisa, diversão ou interação, ou até mesmo por dependência tecnológica. Todavia, é de se reconhecer que muitas mães têm utilizado esses recursos como ferramentas para auxílio nos cuidados com os filhos, educação e como um espaço de pertencimento, compartilhamento de informações, sentimentos, angústias e construção da sua subjetividade materna.

Fala-se muito em dar atenção aos filhos, estar disponível para eles, tanto física como emocionalmente, da importância da qualidade de presença etc. Há quem diga que as mães perderam a capacidade de estar com seus filhos, que não se importam ou não se envolvem tanto com eles, que são mais ausentes etc. Essas são falas comuns e frequentes no discurso social contemporâneo que pressionam diariamente as mães de maneira impiedosa a estarem “plenas” em seus variados papéis e, é claro, serem mães perfeitas. Na tentativa de corresponder a esses imperativos fantasiosos e que representam uma grande armadilha para as mulheres-mães, surgem muitos adoecimentos psíquicos.

Além disso, circula no meio social e nas mídias digitais a ideia de um controle sobre a maternidade, melhor dizendo, um controle sobre a vida, seja por meio de aplicativos, seja pela aquisição antecipada de um saber sobre o cuidado e a criação dos filhos.

Aqui cito a mim mesma como exemplo, quando fiquei grávida do meu primeiro filho. Ao utilizar diariamente o aplicativo BabyCenter, eu tinha uma fantasia de que “sabia tudo” o que estava acontecendo com meu filho dentro da barriga, e isso me dava um sentimento de falsa segurança e onipotência sobre o desenvolvimento do bebê. Havia esquecido completamente o ensinamento winnicottiano de que o bebê segue o seu próprio percurso de desenvolvimento:

O seu bebê não depende de você para crescer e desenvolver-se. Cada bebê é uma organização em marcha. Em cada bebê há uma centelha vital, e seu ímpeto para a vida, para o crescimento e o desenvolvimento é uma parcela do próprio bebê, algo que é inato na criança e que é impelido para a frente de um modo que não temos de compreender. (WINNICOTT, 1949/2013, p. 29)

Nota-se que utilizei o termo *controle sobre a maternidade*, diferentemente do que Winnicott (1949/2013) propunha sobre o assunto ao afirmar que o aprimoramento da mãe ocorre quando ela se sente livre para agir naturalmente. O autor sugere às mães que ajam espontaneamente com seus filhos, e que só podem aprender a serem mães assumindo a plena responsabilidade por eles.

Parece que, em relação ao grupo de mães na internet, as mães sofrem de um excesso de informações e de interações com fontes diversas, na ilusão de obter todas as respostas para suas angústias em tempo real, como se nada de novo, estranho, diferente pudesse ocorrer na experiência materna e como se houvesse um modelo de mãe a ser seguido.

A lista de requisitos para se ser uma boa mãe tem ficado a cada dia mais extensa e mais rígida, com a imposição de recomendações padronizadas às mães, desconsiderando as singularidades de cada uma. Meruane (2018) enumerou muito bem essa lista em seu livro *Contra os filhos*: “parto sem anestesia, a prolongação da lactação, a fralda de pano, o perpétuo leva e traz das crianças a numerosas consultas médicas, pedagógicas e sociais (porque não podem ir a nada por conta própria); e soma-se o novo tempo de qualidade que reduz sua independência” (p. 31). A autora critica essa postura de grande parte das mães, pois ao se lembrar de sua própria mãe, da geração passada, afirma que ela não tinha tantas obrigações assim como mãe, tampouco se sentia culpada; sua mãe aguentava críticas e confiava no futuro.

Ora, ao que tudo indica, o discurso social contemporâneo tenta atrair as mulheres de volta à casa, restringindo seu espaço de expressão e atuação e aumentando a dependência e a sobrecarga. Outra vertente do discurso social contemporâneo impinge às mulheres-mães a possibilidade de completude com a maternidade (grande equívoco) ou mesmo acena para a figura da mãe heroína idealizada, aquela que dá conta de tudo e que concilia trabalho, casa, filhos e parceria amorosa com equilíbrio.

Nesse sentido, será que atualmente há um movimento de retrocesso de certas mulheres parecido com aquele em que as mulheres do pós-Segunda Guerra renunciaram a seus desejos particulares, estudos e escolhas profissionais para retomarem seu papel no ambiente doméstico? Ou será que em todas as épocas da história há movimentos de avanços e retrocessos ao mesmo tempo, nesse caso, as conquistas pós-feministas e o retorno das mulheres ao lar?

De qualquer forma, verificamos tipos de mães constantemente divididas e angustiadas por suas escolhas. A mãe que escolheu cuidar pessoalmente dos filhos, da casa, do marido e da família com frequência vive angustiada e frustrada por não trabalhar

fora e ter sua independência financeira. A mãe-profissional que decide conciliar carreira e maternidade também se sente angustiada e frustrada por não ter tempo para se dedicar aos filhos como gostaria e ser mais presente na vida deles. Com isso, nota-se a insatisfação generalizada da situação das mães na contemporaneidade, o que reflete na qualidade da relação com seus filhos.

Meruane (2018, pp. 109-110) descreve também um tipo de mãe bem comum na contemporaneidade, as mães-de-profissão. São aquelas que

estudam os infinitos manuais da criação e até pagam por lições de maternidade que as farão mais competentes, mais dedicadas, mais apegadas a seus filhos. Mães-totais escudadas na retórica da ecologia. Essas mães de aparência progressista deram a volta completa ao círculo, para retornar à retrógrada equação mulher = natureza, que exime os homens.

As mães-de-profissão se dedicam tanto aos filhos, de forma obsessiva, que mal conseguem olhar para si mesmas, para as próprias necessidades e para o cuidado de si. Há uma maternidade intensiva, um fanatismo pelo filho, uma militância em torno da maternidade (cada uma carregando sua bandeira) que se inicia na gravidez e vai se impondo com suas regras restritas e punitivas. Essa imensa dedicação das mães-de-profissão atende às demandas de comparação entre elas, que tentam oferecer o melhor aos seus filhos desde o berço num mundo megacompetitivo.

Marías (2017) denominou essas mães obsessivas disfarçadas de progressistas de mães enlouquecidas, pois vivem escravas de seus filhos, sendo seu único assunto, se consideram superiores às demais mães pelas escolhas que fazem.

E, por fim, há o tipo mãe-máquina (MERUANE, 2018), aquela mãe multitarefas, que faz várias atividades ao mesmo tempo, está sempre correndo, repleta de responsabilidades e obrigações, que se caracteriza pelos sacrifícios que faz pelos filhos e pela família.

É a sacrificada e incansável supermãe.

É a esposa-amante. (Para que se casou se não era para ter uma maravilhosa relação de casal em que ela se ocupa de tudo inclusive de se desfazer da competição?)

É a mãe-esforçada-e-responsável. (Para que teve filhos se não era para cuidar e fazer deles os melhores homens e mulheres do universo?)

É a mãe disposta a dar o peito enquanto trabalha, e vice-versa, num alarde de energia.

É a mulher-que-trabalha-de-sucesso, com várias crianças a tiracolo. (Para

que estudou ofícios ou carreiras se não foi para exercê-las, e por que iria reprimir suas urgências maternas?) Essa é a mãe-máquina, de existência cronometrada, que sai cedo num carro de preferência utilitário e multifuncional como ela. Anda um pouco despenteada, mas cuidadosamente vestida. Deixa os filhos na escola e continua seu trajeto. Se está um pouco atrasada ou tem que se ausentar por umas horas para a inevitável reunião de pais, nunca usa os filhos como desculpa: repõe as horas perdidas e aceita todos os desafios de trabalho para provar – esse é seu verbo favorito – que ser mãe não é uma desvantagem em seu desempenho. Ao contrário, diria a supermãe, supurando adrenalina: meus filhos são meu capital. Mas é evidente que ela teme, sem reconhecer, que sua situação materna não seja compreendida por seus colegas e por seu chefe (só as secretárias a compreenderiam, mas ela também não confia nas secretárias, as ambiciosas secretárias sempre foram para ela uma ameaça). Pensa que se ela escolheu trabalhar deve se adaptar, não pedir favores jamais. É o preço de sua independência econômica e no trabalho. Um preço que implica sempre conseguir que o marido não mexa uma palha e não se queixe nunca de nada. Em consequência, a caminho de casa depois de oito ou dez ou doze horas de trabalho intensivo (precedido, se deu tempo, por uma madrugada na academia), acelera para cumprir o tempo de qualidade que os colégios inventaram para sobrecarregá-la. Porque não se trata só de chegar em casa e conversar com os filhos, perguntar a eles como foi seu dia e se interessar pelo que estão estudando. Consiste, nesse tempo, de participar do trabalho docente, revisando, ou pior, começando e finalizando deveres cada vez mais difíceis (menos apropriados para a idade) que os colégios atribuem a eles; consiste também em ensinar ao filho o que ele não entendeu durante as aulas, estudar com ele até que aprenda a matéria, dar assistência conceitual no projeto de arte e inclusive realizar trabalhos manuais. Um número inesgotável de tarefas extraordinárias: para além do ordinário e, ao mesmo tempo, extremamente ordinárias.

A supermãe esqueceu como eram as coisas antes, como procedia sua mãe ou sua madrastra ou sua avó ou sua tia quando ela era criança e chegava com deveres de casa. Ela não questiona as coisas como são hoje. Ela vive no presente da necessidade e, por isso, em vez de pensar na carga extra que está assumindo, distrai-se lembrando que está faltando papel brilhante, cartolina e cola, além de pincéis. Lembra em seguida que não sobraram em casa os cereais favoritos do filho mais velho, as barrinhas energéticas da filha ado-

lescente, o achocolatado do mais novo, a carne para o jantar de sábado. A geladeira se esvazia com a mesma velocidade com a qual a enche. Desvia-se então para fazer umas comprinhas. Olha o relógio: está tão perto da tinturaria, se se apressar, chegará a tempo. Ela não renunciaria nunca a ser a mais elegante quando se trata de elegância. A mais moderna quando se trata de modernidades. A mais bem maquiada (mesmo quando retoca a maquiagem nos sinais vermelhos). A mais esportista. A mais culta. A que nunca perdeu nenhum dos filmes que chegarão ao Oscar. Não conhece ainda a palavra “exaustão”, sempre chega fresca ao final de semana e não perde o sono: quando coloca a cabeça sobre a almofada, mais do que dormir, quase desmaia. (E ainda assim permanece com uma orelha aberta, caso seus filhos precisem dela enquanto ela acha que eles dormem).

Essa é uma versão extrema de supermãe, mas há versões atenuadas igualmente preocupantes. (MERUANE, 2018, pp.124-127)

Felizmente, essa supermãe não existe. Essa figura, diferentemente do que pretende representar e sustentar com sua máxima força e energia, revela os traços do masoquismo feminino e o cansaço demasiado das mães, que não aguentam mais suas rotinas sobrecarregadas no cuidado com os filhos sem descanso.

Miriam Rahali, uma estudiosa sobre o assunto da parentalidade e doutora em Filosofia pelo Departamento de Mídia e Comunicação da *London School of Economics and Political Science*, aplica o termo *tiger mom* para se referir às mulheres asiáticas e às mães altamente exigentes em relação aos seus filhos, que os incentiva a ter sucesso. Segundo a pesquisadora, a *tiger mom 2.0* é a última versão da *tiger mom*, é a mãe que domina o território da internet, buscando satisfação por meio dos cliques e curtidas instantâneas que recebe de fotos e vídeos postados de seus filhos fazendo algo extraordinário. E, dessa forma, o desenvolvimento do filho pode ser acompanhado e monitorado online pelas redes sociais dos pais, sendo comparado com o das outras crianças (RAHALI, 2017).

A constante busca pela perfeição e a necessidade quase compulsiva de compartilhar informações pessoais têm gerado diversas questões atinentes à representação da imagem de si mesmo, dos outros e a relação que estabelecemos com a realidade.

As facilidades e ferramentas do mundo digital podem gerar distorções da realidade e uma atmosfera de competição no universo materno, resultando em ansiedades e expectativas irreais em relação aos filhos e às próprias mães.

É importante ressaltar que as próprias mulheres-mães criam essas fantasias de onipotência e completude, sendo elas mesmas as suas próprias juízas e algozes, seja nas mídias digitais, seja no meio social. Esse comportamento nos faz questionar a existência da solidariedade feminina com as questões sensíveis que se apresentam

durante a experiência da maternidade. Sendo assim, é a própria mulher que retroalimenta a sua situação de exaustão e autocobrança excessiva no cuidado com os filhos.

Para além de todas as exigências que se impõem às mães para o exercício da maternidade e os cuidados suficientemente bons, um ponto fundamental costuma ser esquecido: o prazer da mãe em estar com o bebê, com o filho, seja ele da idade que for. De nada adianta a mãe seguir conselhos, instruir-se com conhecimentos sobre maternidade e adotar práticas de cuidado com seus filhos se não o fizer com prazer. Do contrário, teremos o exercício de uma maternidade operativa que cumpre funções, tarefas, listas e planilhas, de maneira distante, desimplicada e automática.

Winnicott (1949, /2013p. 28) já nos alertava com esta lição:

Desfrute tudo isso para seu próprio prazer, mas o prazer que você pode extrair do complicado negócio de cuidar de uma criança é vitalmente importante do ponto de vista do bebê. O bebê não quer tanto que lhe deem alimentação correta na hora exata como, sobretudo, ser alimentado por alguém que ama alimentar seu próprio bebê. O bebê aceita como coisas naturais a maciez das roupas ou a temperatura correta da água do banho. O que ele não pode dispensar é o prazer da mãe que acompanha o ato de vestir ou de dar banho ao seu próprio bebê. Se tudo isso lhe dá prazer, é algo como o raiar do sol para o bebê. O prazer da mãe tem de estar presente nesses atos ou então tudo o que fizer é monótono, inútil e mecânico.

A experiência da maternidade e dos cuidados maternos é uma relação emocional entre mãe e bebê, que vai se construindo pouco a pouco, constantemente, por meio dos encontros e desencontros da dupla. É na relação dos dois, permeada por uma comunicação silenciosa e um ritmo criado por ambos, que se constroem a confiança e a compreensão mútuas.

Os cuidados maternos, quando realizados de forma satisfatória, além de promoverem uma experiência rica para os dois seres humanos, propiciam as bases para a saúde mental, do caráter e da personalidade do indivíduo.

Mas e o cuidado da mãe? Virou um jargão popular cuidar de quem cuida do outro, mas, na vida prática, os cuidados com a mãe que cuida do bebê incansavelmente, que cuida dos filhos, continuam sendo invisíveis. As políticas públicas no Brasil não são suficientes para garantir a saúde física, mental e emocional da mulher e mãe. Faltam redes de apoio que possam auxiliá-las a exercerem a função da maternagem suficientemente boa de forma tranquila; falta conscientização da sociedade civil da importância dos cuidados maternos desde o início da vida do indivíduo e durante o seu desenvolvimento como pessoa viável; falta conscientização e sensibilização da sociedade como um todo e das próprias mulheres de que as mães necessitam de cuidados pessoais e profissionais (empregada doméstica, psicóloga, eventualmente

psiquiatra), muitas vezes, para poder se tornarem mães e cuidar de seus filhos. Falta lembrar que ter um filho não garante que uma mulher se torne mãe, pois ela também precisa ser cuidada!